

## **OPORTUNIDADE PARA SAIRMOS DA RECESSÃO**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 14.09.1982

Depois da suspensão dos pagamentos internacionais por parte do México e da reunião da última semana em Toronto do FMI, na qual os banqueiros internacionais tiveram ampla oportunidade de expressar sua própria ansiedade diante de uma ameaça de bancarrota geral, em função da possibilidade de moratória unilateral por parte dos grandes devedores, alguns fatos ficaram claros. Principalmente ficou muito claro que os países credores e os banqueiros internacionais não têm nem poder nem autoridade para exigir de nosso Governo a adoção de uma “política de ajustamento” do balanço de pagamentos de caráter recessivo. Se o Governo brasileiro adota medidas desse tipo conforme vem fazendo desde novembro de 1980 é porque não é capaz de conceber uma política econômica alternativa, nem tem consciência do poder de barganha do Brasil diante do sistema financeiro internacional. É porque não é capaz de perceber que está se abrindo uma oportunidade para sairmos da crise atual.

A crise mexicana deixou muito claro que se os países devedores, inclusive o Brasil, agem muitas vezes de forma irresponsável, tomando emprestado mais do que podem, é também verdade que os bancos internacionais, não sabendo o que fazer com sua própria liquidez, acabam emprestando e pressionando a política econômica dos devedores de acordo com critérios muito discutíveis. Há menos de dois anos eles consideravam devedores seguros o México, devido ao seu petróleo, e a Argentina, devido a sua política econômica monetarista, enquanto condenavam o Brasil. Agora foram obrigados a rever suas posições. Mas continuam a insistir que o Brasil mantenha e aprofunde sua política recessiva.

Ora, uma política recessiva não resolve, em absoluto, nossos problemas de endividamento, muito menos controla a longo prazo a inflação. Isto não significa que o

Brasil possa ou deva voltar a acumular déficits comerciais com o exterior. Conseguir saldos comerciais ainda que pequenos é essencial, mas não a custo de recessão. Entre outras medidas, uma política de controle seletivo das importações, apoiada em uma efetiva política industrial e de exportações pode chegar aos mesmos resultados com menos sacrifícios.

É para realizar uma política administrativa dessa natureza que a renegociação da nossa dívida externa poderá ser uma solução. Mas o simples fato de virmos a praticar uma política econômica alternativa e responsável já seria uma forma de renegociação. Na verdade, seria o principal objetivo de qualquer renegociação.

Na verdade, se o Governo brasileiro fosse capaz de adotar uma política econômica alternativa competente, que combinasse taxas razoáveis de crescimento com o equilíbrio da balança comercial (o equilíbrio da balança de serviços inclusive juros é por ora inviável), o sistema financeiro internacional não teria outra possibilidade senão aceitar e continuar o giro da dívida brasileira. E neste caso a dívida estaria automaticamente renegociada.

O Brasil precisa aumentar sua independência e voltar a crescer. Os banqueiros internacionais só serão um obstáculo para esses objetivos se formos medrosos, incompetentes ou irresponsáveis. É certo que eles não estão interessados no nosso desenvolvimento. Mas dependem dos nossos pagamentos. E depois do México e da Argentina, estão enfraquecidos. Esta seria uma excelente oportunidade para que demonstrássemos a nossa força e a nossa prudência, adotando uma política econômica alternativa corajosa e competente que nos fizesse sair da atual recessão. Dadas as circunstâncias internas do Brasil, entretanto, é pouco provável que isto venha a ocorrer.(14/09)